

A LAGRIMA

Quinzenario Illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcellos, 16 de setembro de 1900

Anno (Barcellos) 480, (Provincias) 600

Red. e offic.: Typographia Barcelense

PEQUENA CHRONICA

Setembro de 1900

Ao Sr. Dr. Martins Lima

Cabem das arvores as primeiras folhas, pallidas, descoradas, como do nosso passado, cheio de visões, cheio de illusões, cabem tambem para a aridez da terra, desfeitas no pó de mil angustias, as suggestões da mocidade, aquellos sonhos cor de rosa, que, como as folhas das acacias sempre verdes e como as corollas dos nenuphars sempre azuladas, punh'm na nossa alma um tom de abacridade, que agora foge, o tóxico em fora, como uma esperanza que se perde, como uma gondola que no mar alto desaparece para o Além, para a Outra Banda, para o Desconhecido, esse Ignoto insondado e insondavel, que todos os pensadores prescurtam e que nenhum mortal ainda pôde nem poderá descrever.

E vamos assim, como as folhas que cahem, nadando no mar-morto da Incerteza, vogando ao Destino, illusões perdidas, sonhos desfeitos, assim vamos, como um peregrino sem guia, apenas com o seu bordão que é a sua Fé, por lavios atalhos, por caminhos pedregosos, atravez de montes, ouvindo o ribombar dos trovões, sentindo aleateias de lobos, vendo luzir nas encauzilhadas, como relampagos vivos, os olhos das pantheras; e adiante, na sombra densa, como que palpando as garras dos chacacs...

E' esta a nossa Vida; este é o nosso Destino. Andar, andar sempre, como o Astáverus da lenda atravez das inclemencias do Ar e contra as inclemencias da Sorte.

E o nosso coração, que é a nossa Vila, porque só vive quem sente e só sente quem tem co-

ração, confrange-se atravez d'estas vicissitudes, magõa-se, adocece, porque é como uma creança gentil que, apanhando muito sol, perde a cor rosada das faces e sente seccura nos labios.

D'esta seccura, que faz cahir as folhas das arvores e as illusões da nossa alma; d'esta aridez inenarravel, que faz lembrar a aridez das step-



Barcellinhos e a Ponte

pes asiaticas, onde as caravanas morrem á falta d'agua, como a dos corações assassina á falta d'affectos, uma só clarieira aberta, cheia de luar, eu vislumbro no meu cerebro:—é a Creança, a Fé, o Trabalho. Mas uma creança sem utopias, uma fé intemerata, um trabalho sem esaravidão.

Aproxima-se uma nova Era. O cysne de Mantua, aquelle divino poeta das Georgicas, anteviu a paz christã, nos seus arroubos de vidente. Mas como todas as visões, a de Virgilio não se cumpriu integralmente. Essa paz Octavianua produziu milhões de martyres e foi o fermento onde levedou a grande podridão do imperio romano.

A Paz que se aproxima, a Paz por quem todos os intellectuaes trabalham, é mais humana ó mais suave. A Paz que nós queremos é a Igualdade plena, integral, na Familia e na Sociedade. Não queremos estados nem

A LAGRIMA

classes, nem privilegios. O homem do futuro deve ter franco e aberto, sem peias nem hypocrisias, todo o largo ambiente das suas faculdades, das suas tendencias e das suas aptidões.

A Paz que vem, e ha de vir porque é filha do progresso, e não ha excommunhões que a impeçam, hoje, amanhã, depois, se não para os nossos filhos, com certeza para os nossos netos, é uma Paz aurea, de nimbo azulados, que não escravisa a mulher, para depois os explorar n'um mercantilismo de garras aduncas e vorazes.

É uma Paz humana, amavel, sem a hediondez da civilisação que assassina os povos pequenos, esta civilisação fallaz que ha centenaes de seculos inerusta nos povos inferiores a Biblia secca e dura, para depois os explorar n'um mercantilismo de garras aduncas e vorazes.

A Paz d'Amanhã, a civilisação do Futuro ha de acabar com os dois caneros socres mais repelentes—a guerra e a miseria. Nem militarismo nem mendicidade.

E caiam, então, as folhas das arvores; e desfaçam-se muito embora as nossas illusões.

Amanhã, em logar d'esta Noite, teremos a radiosa Madrugada d'uma nova era social.

Silva Esteves

Recebemos e muito estimamos a «Illustração Moderna», do Porto, sobre que fallaremos no proximo n.º.

Am.º Soucasaur:

E' por uma d'estas noites formosissimas, que só o ceu da beira-mar sabe criar, que eu te vou escrever.

Pódes crer que não é a preguiça que me adormece os nervos, mas uma d'estas crises docemente inexplicaveis, que nos aquietam o espirito e nos modificam a vontade sob o influxo da esplendida natureza que nos cerca, ora no polvilhar desmaiado do luar, logo nas cantilenas mysteriosas da vaga que se espraia.

Aqui vive-se remansosamente, sem o tumultuar mareante das grandes praias, sem esse bulicio que atordoa e mortifica.

E' uma existencia serena como um suspiro feliz; é a vida de um sendo a de todos, na mesma communhão de desejos como se fora uma harmonia executada por um só!

Vê tu como isto encanta; uma familia enorme, sem os preconceitos exigentes da sociedade, sentando-se na areia livremente, cantando recitando n'uma meia animação que não partilha do entusiasmo, nem tem a preoccupada ideia de se não aborrecer divertindo-se.

E' espontaneo, natural; como as hervas que nascem, como as aves que cantam.

Perdôa o lyrismo, mas tu já sabes que sou

insupportavel quando escrevo, e contudo o scenario convida.

Hoje o mar, que até aqui jazia adormecido no seu immenso leito, accordou alterado, n'uma convulsão febril, n'um esbracejar herculeo.

Se tu visses como aquellas enormes massas d'agua esbofeteiam a praia, trepando raivosas depois, para irem morrer rendilhadas de espuma em qualquer canto do areal, haverias de sentir, como eu, a impressão do que é grande e bello, e uma amarga tristeza de nos sentirm'os demasiadamente pequenos em face de positivamente magestoso.

Nós podemos considerar-nos infelizes; tudo quanto a natureza nos mostra attinge o grau completo da belleza que lhe é propria:—dias de abril, noites d'outomno, vendavaes em dezembro; toda a alegria, toda a doçura, todos os furores, n'uma exactidão de côr e luz que extasia por ser inexcedível.

Nós somos defeituosos, sempre incorrectos sob o ponto de vista esthetico, e rarisimas vezes apparece um exemplar perfeito que seja um molelo de formosura.

Nos irracionais é quasi uniforme a belleza dos typos, desenvolvendo-se com regularidade e sem esforço. Nos vegetaes, então é exacta a perfeição; quantos carvalhos umbrosos, quantos castanheiros altivos, quantas flores que nós entontecem com o seu perfume, delicado talhe e côr!

No reino mineral, que preciosos metaes—o ouro, a prata, o cobre, o ferro e, eu sei lá, quantos mais!

Mas... tu dirás com os teus botões,—eu já sabia tudo isso; mas tu que queres, eu tenho necessidade de contar-te estas cousas, de retratar-te a minha humilhação, o meu despeito e a minha inferioridade.

E' uma hora no meu relógio, e lá fora a paz é solemne, a atmospheria pura.

Sussurra o oceano, o luar illumina tranquilamente a terra velando-a em silencio. As casas, os campos, tomam formas phantasticas; recortam-se no azul do infinito os braços nus, esquelidos, dos moinhos proximos, como gigantes sentinelas á nossa paz. Mais longe, são barreiras ao horisonte os dorsos das montanhas,—imaginarios esqueletos de mastodontes collossaes.

¿Vês? tudo isto é que me seduz e embala, provocan-lo-me uma saudade, auroreando-me uma esperanza, tepido consolo que, como deves calcular, é afogado no banho inevitavel.

Demais, nós sou os banhistas incorrigiveis, emeritos, convictos do nosso papel, aperitivo inaguavel para devorar o almoço.

Se cá vieres visitar-me, com o que eu conto, terás saudades dos banquetes romanos, assyrios, babilonicos, onde se estadeavam gastronomicamente

A LAGRIMA

mente os Lucillos, os Pantagruéis, os Balthazares e outros de que reza a historia.

Termino a massada, desejando-te saude e dinheiro.

Teu velho am.º

Apulia, 11-9-900.

Arnaldo Bras.

Necessidades, 12 de setembro de 1900

Passou o dia, passou a romaria, mas a mim ainda não me esqueceu, nem esquecerá tão cedo, esta festa principal da nossa terra.

Eu sou amante da grande esturdia das feiras.

Tenho o maximo prazer em andar envolvido em cerradas nuvens de pó; besuntar-me com azeite das luminarias; sentir a boa sensação d'um cilo esmagado; refocilar-me á meza junto do prato gorduroso, sob um tolde remendado, tendo á mão um cópo sebaceo e um talher ensardinhalo.

E' uma delicia o coixão de carneiro a tresandar a bedun!

Para mim nada me satisfaz na vida como uma festa, e quando essa festa é a das Necessidades, nem um pêlo deixa de me ficar ao alto cá no cutulo, tal a sensação de consôlo que experimentol!

E' um bulicio que encanta!

Dezenas de rapazes assopram em dezenas de cornetas de barro, que melodiosamente rompem os ouvidos á gente.

Em vinte circulos de gente se dança desesperadamente a Chula e o Vira, n'um sapatado esfalfante e barulhento.

Tunas e mais tunas passam tocando, fazendo docemente lembrar lixa esfregada contra lixa, tal o bem casado da afinação e execução.

A tuna villacondense não se me destaca por mais nada que não seja a linda bandeira de seda vermelha que um individuo sisudo leva diante de si ao alto.

Nada, pois, como a romaria das Necessidades!

Cafés é o que ha mais,—com café de sebada, de ran, de agua de custanhas, a vintem para lavradôres e a 30 réis para fidalgos. Ha menino que só em assucar leva o vintem. Não é café é um lamedouro...

*

Fui á ceia do Romão e vim de lá captivado pela maneira como elle e s. ex.ªª mana recebeu os forasteiros amigos.

Franqueza, fartura, variedade, gosto, lá encontrei em pencea.

Vi ali, pela primeira vez, o director da «Lagrimeira», com quem conferenciei sobre o mal das batatas e ainda sobre outras calamidades sociaes...

*

N'esta freguezia, e aqui n'este lugar do Terreiro, ha uma rua com três alfaiates.

Um é o Carreiro(*). Um Carreiro sem subidas nem descidas, sem sombra e sem sol. Não é mau Carreiro. No entanto eu a um bom carreiro, prefiro uma má estrada.

Outro alfaiate é o... Chancelho. Tambem é sachristão do mosteiro. Quero dizer tão facilmente trabalha com o badalo, como com a agulha; deita tão bem umas *coadas*, como dobra afinados.

O terceiro alfaiate é brasileiro. Corta dos seus collegas e igualmente corta fatos pelo systema sul-americano.

Falla sempre com saudade da carne secca com feijoa-la.

Ahi vai um soneto que lhe ouvimos recitar n'outro dia.

Ingrata sinhásinha, que tráhiste
O grande amô di teu amádo Juca
Qui não quer mais bânána da Tijuca,
Qui vive isbódégádo e sempre triste!

Oh! diz-me por favô que mal eu fiz-te,
Si meu amô cácéte ti machuca
Si estou imbébédado ou tu máluca,
Porquê minha sinhá, tu mi fugiste?

Não quero mais ouvir o sábiá.
Minha alma istá isbordando di mázêla,
Minha alma é mesmo um pau jácárândá.

Minha alma já não presta, é bagatella,
E como criou grêlo e piaçá
Não válendo di nada, eu vou dar ellal

Não estranhem os leitores se ouvirem dizer que ha aqui nas Necessidades uma Torre Velha que tem relógio do sol.

A Torre Velha é uma pobre mulher que possui sobre o telhado de sua habitação esse chronometro que trabalha á luz do astro-rei.

(* O alfaiate Carreiro é Carneiro. E' um anho. Um alhol

«Salta carneiro a um, com batatas!»

Um republicano.

Apulia, 15 de setembro 1900.

O Cagalufas, encarregado da compra de objectos antigos, comprou aqui uma cousa que não era cousa nem objecto: uma barraca dos banhos, aonde se despia ha cem annos o avô do neto do Bento Roda.

Assim que effectuou a compra, roda que se faz tarde...

* Tres-ante-hontem jogou-se aqui escandalosamente boa quantidade de confeitos n'um casamento.

* O Severino toma banhos de estoque (vulgar—choque). E' pelo systema canaide (estylô figurado—*Kneip*).

* Um soldado do 8 vendo o Julio Roita fardado, prestou-lhe honras militares.

* O Carlos, o Secundino, o Ferra e o Vinagre, mataram até hoje todas as codornizes. Têm batido tudo. Falta-lhes caçar no Oceano. Para isso só se lhes torna preciso phocas.

* Nomes d'alguns barcos—Adamastor—Baptisar Christo, e D. Pedro Fernando

* Lê-se n'uma hospedaria d'aqui, na sala de jantar:—Entrar, pedir, pagar e sair. Quem quiser fiado, é escusado cá vir.

* Veio aqui um individuo de Braga chamado Longuinho. ¿Seria o verdadeiro?

No 9.º anno

A «Lagrima» que pertence a todas as religiões, a todas as seitas, a todas as politicas—porque pertence á humanidade—entra hoje no 9.º anno de sua publicação.

Nunca saindo da linha da educação; nunca saindo fóra dos bons princípios; sem exaggeros e exaltações, segue—como até aqui—no rota da Vida, tendo por ideal: Ironia e Verdade.

Notas da Quinzena

A quinzena assignala-se por tres cousas: pouca gente na terra, muita saude e pouco dinheiro.

Para banhos tem ido muitas familias com o fito no descanço remançoso da beira-mar.

Nós outros que temos ficado, vivemos com mais socego, fóra do bulicio que nos apouenta; Barcellos actualmente parece uma aldeia.

O estado sanitario da villa é de tal maneira satisfatorio, que os boticarios têm saído para extra-muros e tambem a maioria dos medicos, sem receio de deixarem os barcelleñses safaros de soccorros.

Se isto assim continuar tão sanitariamente bom, temos que vér os pharmaceuticos e os cirurgiões em vez de mudar de *aves*, mudar de modo de vida.

A doenca de momento é, pois, o *excessis de salubris* (Cuvier).

...Mas ao passo que a saude abunda, tem havido uma grande carestia de dinheiro.

«Têm seccado as fontes», (veja-se Pancraccio) e simultaneamente as bolsas...

E como Dumas, perante os novatos filhos de Paris, vemos que os rapazes de Barcellos são intelligentes, boas pessoas, porém só lhes faltam *cobres* precisos para se equilibrarem dentro das suas ambições.

D'esta maneira nada mais triste que vér cabisbaixos jovens de *pé calçado*, sem *pé de meia*...

Uma verdadeira *patada* do destino cruel.

A «Lagrima» (*livre de paixão politica*)—que não possui o génio de Victor Hugo, a erudição de Vieira, a eloquencia de Demosthenes,

—vae hoje levantar a sua debil... debil... e desauthorisada voz, para felicitar o sympathico, o loiro Manuel Mello, pelo seu anniversario natalicio e antecipar-lhe feiz vida na segunda patria, o Brazil, aonde vae, brevemente, continuar na Lucta, interceptada por doenca.

O Mello é um rapaz serio e amigo e isto é em condição bastante para cair nas graças cá da rapaziada.

¿O Maneca irá para o Pará no auto-mobil?

Expediente

A alguns dos nossos assignantes que se não nos torna facil fazer a cobrança pelo correio de sua assignatura, pedimos a fineza de a pagarem n'esta redacção.

O quinzenario que vae estampilhado, custa ao anno 640 reis; sem estampilha, 480.

Professor—Damos informações de um habilitadissimo para francez e portuguez.

O Galalhufas compra objectos antigos, porém por falta de conhecimento do assumpto, assás complicado, tem-se surtido de alhos por bogalhos.

Mostrando-se-lhe um penico e dizendo-se-lhe que dejectou n'elle um homem que foi rei e, que, por exemplo, se chamou D. Sancho, elle compra-o immediatamente.

Assim, tendo sido informado—mas sob condições praticas—que tinham merecimento garrafas e outras pegas de vidro douradas, antigas, o nosso heroe comprou um copo, logo que o viu nos bórdos reluzir como uma libra de cavallinho.

—O' diabo, dissemos ironicamente, que boa aquisição você fez. Isto vale um dinheirão. Temos a certeza, amigo, que não lhe custou o copo menos, menos de quinze tostões, para ser de graça.

—Esso sim, sobrecarrega o Galalhufas triumphante as sobranceiras, custou-me (isto aqui pr'a nós) unicamente oito tostões.

Dizemos ao leitor que esses copos se vendem, de fabrico moderno, no Bom Jesus do Monte—para não irmos mais longe, pois trovao—a dõse vintens cada um e a três tostões.

Vejam se têm por ali um penico velho... dourado por dentro, que o Galalhufas paga-o bem.

Na loja do Manuel Carvalho, de Martim, lê-se:—*Bende-te Farinha e Milho, mas Não Seja de Ninguem Seja elle quem for, Governo*